

MORRER

2002

Guilherme Zarvos

Querer ficar marcado pois
cada detalhe é belo
As formas ou idéias que
aguçam a inteligência
O que é mais pleno do
que olhar o transbordar
seja da floresta ou de um verso?
O que é belo aguça a inteligência
E a vontade de morrer é não
agüentar a espera do outro dia
É a incerteza do encontro de
outra planta ou texto
Desejando então findar o que aguça

É uma despedida. O tempo já vai longe. Cheguei aos quarenta e tantos e os cabelos brancos tomam meu corpo. Me encaminho para a falência. Não quero trabalhar no que não me satisfaz. Ficaria grato em fazer parte de um grupo de salvação, de melhora da humanidade, como o que fiz tendo trabalhado com Darcy Ribeiro, subindo favela, dividindo esperança com o povo pobre. A mesma sensação de carinho tenho com o CEP 20.000 e as dezenas de brothers que fiz por lá... Me despeço como um barco que se despreendeu por acaso, um barquinho roto de madeira amarrado numa tora de um cais velho, num dia cinza, em que marolas mais fortes puxam e soltam o barco usado por um moleque daqueles de romance do Jorge Mautner, a quem eu abraço, um moleque com uns 17 anos, bonito, que tem uma namorada bonita e que gosta de passear de barco, sozinho, sentindo o vento e a chuva baterem no rosto e fazendo cabelo e corpo se misturarem. Me despeço com a nostalgia de bons tempos que tive, não aceitando as mudanças que o tempo pede para mim, dizendo que creio no futuro mais solidário para cada um, que não acredito na sociedade de 40 horas de trabalho por semana, a não ser que faça parte de um desejo, e que se não parto daqui agora, para aventuras possíveis, é porque já me encontro gasto, tomando remédio todos os dias, não podendo fumar maconha na quantidade que quero e sem raiva de ninguém e sem muita mágoa, pois vivi bem o meu carma, que sei poderia ter sido melhor. Entretanto ser viado, não agora que tenho um namorado legal e que mal ou bem tenho onde colocar a minha afetividade, não foi nada fácil. Durante 40 anos eu sem assumir direito ter prazer com um homem, sem abandonar direito a possibilidade de encontrar uma mulher, sem me definir, com culpa, me sentindo humilhado... me fez muito mal. Não realizei a outra vida que teria se eu fosse heterossexual. A vida do poder, do conservadorismo político, da família e das pontes de safena. Era o que estava marcado do outro lado da carta... me despeço antes, agradecido por não ter de ter tido uma vida de explorado, em trabalhos insatisfatórios, como a maioria tem. Mas então o que é que faz que quase todos não se matem? Que levem suas vidas pesadas com muito mais satisfação do que eu? Eu, só eu, exagero o termo eu, já dizia Guilherme Levi numa canção... Vou como uma serpente que troca de pele, como um garoto na primeira comunhão, como quem vai por aí. Vou como um vagabundo, cantando enquanto puder as belezas da Terra, as belezas que ainda poderão vir. Vou e se me der na trilha, peço demissão da faculdade que estou dando aula, mesmo que sentindo falta do contato, que perderei, com os

olhos brilhantes de quem aprende, um prazer tão grande quanto o ato de aprender, mas só para estar mais livre para escrever meu texto de despedida e curtir algumas, antes do final. Vou colocando a sola na terra, ouvindo as mais diferentes histórias, pois cada humano é um ser fantástico, e os que mais prezo são nota 1.000. Hoje um deles, enquanto andávamos na Lagoa Rodrigo de Freitas, num dia azul de final de maio, me convidava, insistia, para que eu entrasse num curso de projeciologia, uma ciência positiva, nascida no Brasil, que te faz sair do corpo e passear. Não é o primeiro que me convida para uma viagem dessas, e mais uma vez não aceitei, mesmo estando com vontade de sair do meu corpo e voar. É que não tenho tempo para me empenhar nos estudos e cursos e conviver com vários projeciologistas desagradáveis, dos que se encontram em cursos de ciências paracientíficas e nas Lojas Maçônicas, militares aposentados, alguns juizes e meu amigo cujo pai ou mãe são cardecistas e que misturando arte contemporânea com ubanda atávica insiste para que o acompanhe, e eu que só gosto dos meus amigos e de conversar com eles, e que não quero ouvir as certezas científicas do militar aposentado, do juiz aposentado, do funcionário público aposentado, do expatão aposentado, mas quem sabe, antes de eu partir, em consideração ao amigo, talvez até mesmo porque ele me prove que andou voando por cima de São Sebastião do Rio de Janeiro vou dar uma volta de corpo a fora, com o mesmo gosto com que surfei, dei um vôo duplo de asa delta, andei de helicóptero e fiz sexo com uma mulher gostosa. Coisas que se faz de vez em quando. E que é cada vez menos para o meu tempo. Apenas me despeço das calendas gregas, dos livros que li, e que tomem o Paulo, o meu namorado, com carinho, que ele merece. Fazia 20 dias que eu não o via, ele estava em Porto Alegre, ele voltou, foi bom ver ele respirar dormindo, eu vim para a sala iniciar o texto da despedida, como uma cena de Giselle, dançada por um bom corpo de balé. Eu me despeço. De cada bêbado e cheirador do Baixo Gávea. De cada jovem brilhante que cursa mestrado, do Bernardo Botka e dos seus trinta e poucos segredos e do Roberto Athayde, que ficará, obsessivamente, guardando os domingos para a leitura de Goethe e as terças-feiras para deitar na banheira e ler uma brasileira. Dou adeus ao Hélio Silva, ao Gilberto Freyre, ao Sérgio Buarque, ao Nelson Werneck Sodré, ao Otto Maria Carpeaux. Não consegui ser um intelectual próspero. O hedonismo foi minha sina, viver de sensações, pouco físicas é verdade, não adoro o prazer do toque, minha mãe me ensinou assim, ser educado com as visitas e não exagerar nos abraços, incluindo os com ela. Mas as conversas de bares, onde corpo e palavra são as mesmas coisas, onde tudo é possível, mesmo que, com a velhice, cada vez

menos ambicionado, onde desejo, categoricamente idealista, desmaterializado, venerável, possibilita que com a troca de palavras surja o toque e talvez o sexo, mesmo eu, Narciso em baixa, com vários quilos acima do peso, me afastando do outro, o outro possível eu. Me despeço pois não sou como tantos velhos mais felizes, cada vez mais tarados, mais desejantes de corpo e de esperma, de cheiros e de abraços, desligados do desconforto das barrigas grandes. Tenho a fantasia que na proporção em que a barriga cresce o pau diminui. É como se o homem se engravidasse, perdendo a virilidade, apenas prenho de passado. E assim digo até logo, já que o texto fica, com a ira que tem sido minha rima, quisera-me menos cáustico, amando os escritores da boa mesa e das memórias do Rio antigo, engrandecido por uma partida de futebol ou mirando silhuetas na praia. Vou indo, orgulhoso de ter perdido horas lendo sobre a era Vargas, a queda do Jango e o fim de alguma guerra insana. Não quero mais ser índio, correr nu pela trilha, respirar o ar molhado da floresta, não quero o vai-vem da rede num barco no São Francisco, a vista dos bichos no Pantanal, não quero Bahia ou serras com frio e araucárias e água e aguardente das puras. Por enquanto não quero nada disso e só a vontade de ir que me embala. Nunca mais ver as milhões de imagens da cidade grande, com corpos disformes e pobreza aguda em contraste com carros velozes e cartazes enormes com garotas vendendo roupa da moda.

Grita, garota, grita, uiva que nem uma demente, sentada
De madrugada, no chão de uma esquina do Leblon:
-Você se lembra? A Roberta era hippinha. Mudou tanto.
Agora ela é clubber. Ela andou tomando de muito e de
Tudo. Andou se picando.
Grita teenager, seu namorado está sem camisa, trocando
Abraços com um outro, e eles não querem dividir com você
O pó. Ou será apenas uma artimanha? Eles vão lhe deixar
Entrar na órbita deles, com seus corpos delineados expostos
Na noite do Leblon, e você, que não pode tirar sua blusa,
De noite na rua, e mostrar os seus peitos empinados, se permite
Gritar com as pernas abertas cobertas pelo vestido comprido,
Que nem uma louca amarrada num poste. Você gosta dessa
Brincadeira, macabra, à três.

Calma Zarvoleta, Zarvoleta calma. Por um minuto perdi o fio da meada, fiquei sem razão para a pressa de me defenestrar, pois me imaginei num parque florestal, fiscal da natureza, convivendo com castores e perdi a vontade de ir. Quis ficar. Aquietei a esperança que não virá tédio e solidão, que esquecerei os chamados da glória do Baixo Gávea, que só visitarei o Rio vez em quando, de passagem, hospedado num hotel do Catete. É isto, é tudo conversa caô, não preciso de computador e de publicar livro, posso passar dezenas de verões numa montanha num parque em Minas Gerais, ou será na Bocaina, não ler jornal e esperar sem qualquer pressa a minha morte ou a explosão da última guerra nuclear.

(Preparativos para minha mudança para a Bocaina). Não vou levar o leaptop, apenas papel e caneta, vai um óculos escuro e o óculos de trabalho. Os livros chegarão devagar. Cada um lido e fichado e os que restaram no Rio, seguros na casa de alguém, serão visitados ao largo. Não terei insônia, vou levar meus remédios, o Paulo virá me visitar e talvez não seja como na vez em que alugamos um chalé em Lumiá, no meio do mato e ele, já na primeira noite, se viu com seus fantasmas uivando e entediado disse que ali não ficava. Vai ser eu que baterei o pé, proclamando que fico, como solução extrema para minha sobrevivência sem grandes recursos e sem medo da velhice.

No final, o meu pai ficava humilhado cada vez que Voltava para casa pois não tinha morrido. Era porque Ele não tinha seguro saúde e gastava suas últimas Economias no melhor hospital da cidade. Ele escolhia Médicos e até o quarto de luxo no andar com a vista que Apreciava. Assim é para os que podem gastar. Minha

Mãe, que era separada, tinha plano de saúde. Morreu na Sua primeira entrada na UTI. Deixaram ela retorcida numa Cama, o nome é semi-leito, como se estivesse pegando Um ônibus para São Paulo nos anos 60 do século passado. UTI é sempre ruim, porém, pelo menos, para o meu pai, que Pagava adiantado, tinham duas enfermeiras, com lençinhos Cor-de-rosa na cabeça.

E o sinal, bing-bang, bing-bang, lá fora, junto ao vento
Me lembra que estou sozinho nesse arraial de gente que mal conheço
Resolvi me esconder das necessidades da cidade grande
Exposições, vernissages, estréias, lançamentos; onde fico?
Marcando passo. Escritor desprezado pela seta do mercado
Deito na cama da casa no meio da mata -
A casa não é bem caiada, precisa de reformas, tem uma luz elétrica
Fraquinha, o vizinho mais perto está a trezentos metros – achei que
Saindo da cidade grande tudo se resolveria: agora me sinto
Preso, nenhum dos amigos para trocar amabilidades, meu
Colesterol, pode ser chamado de alcoolismo, ou de velhice
Impede que eu beba e saia procurando novos amigos e o
Bing-bang do sino de uma igreja inventada na noite (o vento traz
Medo aos fracos), só afirma que devo agüentar a sina:
Esperar pela manhã. Me acostumar que o visual do arraial e do

Mato são minhas maiores propriedades. E que, agora, de noite
Se me esquecer do sino, vou ouvir os pios estridentes da coruja
E dos mocegos. As vozes inumanas que para mim gracejam.

Vejo dentes, gengivas e a língua
Vejo uma velha banguela
Não perdi o medo da infância
Tenho medo do escuro

O corvo do Edgard Allan Poe grita:

- Mas então é tão simples assim? Largar o Rio e na serra perder o tempo cronológico?

E eu já iniciando a arrumação das bagagens, pensando em providenciar a venda do carro, me desvencilhar do aluguel do apartamento, me despedir do Paulo e do Toledo, codinome de todos os amigos que ficarão levando suas vidas aqui na cidade, eu, com medo da perda das posses e da incapacidade para o trabalho, com horror de me deparar velho como tantos cinquentões alquebrados em seus quartos e salas de Copacabana, responderei tenho certeza, fui analisado por uma bela ortodoxa, o inconsciente é atemporal.

O Corvo grita estridente. É madrugada:

- Então vai ser fácil assim? Não existe saudade?

Brusco me viro ao pássaro gritando sai fantasma, a palavra saudade, para a tristeza do meu compadre, padre poeta português, não tem a intensidade

lusitana. Somos um povo novo pronto para enfrentar a melancolia na mistura das três raças e uma cidade que ri. Foi este o legado e o segredo de Machado de Assis e de todos os cronistas mundanos, do coro de gato dos pandeiros e da magia das Escolas de Samba. O Rio se nega à melancolia; mais do que um ethos político seu arquétipo é amoroso. Dionísio, ou alguma entidade afro-brasileira, é quem comanda. Só eu, olho com raiva para o corvo, só eu, nessa cidade festiva, é que ensimesmasdo, entre tantos príncipes, tenho medo de levar porrada. E é por isso que me despeço, ou me despeço do Rio e me cerco de paz.

Quando eu morrer vai ser assim: os melhores amigos telefonando entre si: - O Guilherme morreu - . Não vai ser uma grande surpresa. Já não serei tão novo. Espero que não seja esquecido três dias no apartamento até que o cheiro identifique minha morte aos vizinhos: - O Zarvos morreu ! – Aí vão lembrar de várias das maluquices e dos afetos que me permiti. Não vai haver tanta tristeza. O meu tempo já é cercado das probabilidades da morte. Não vou infeliz. Vou como se apagasse a luz.

Diferente da angústia que cresce tanto que deito na cama e enrolo o edredom tentando tapar a dor no buraco do estomago ao ouvir a notícia da morte de uma menina caída da mureta da janela de seu quarto no sétimo andar. Minha morte não é nada se comparada com a despedida de Paula, ainda moleca, aos 18 anos.

O corvo continua sua provocação:

- Ora, por que não se permite ficar? Ser mais produtivo. Estudar.

- Corvo, filho de uma piroca imunda! Não entende que sou um fracasso, um palhaço, que só existo na escrita? - revido ao aparvalhado pássaro, que na dúvida da minha sinceridade se arreganha como um felino selvagem, me apontando suas garras.

- Como pode falar com tanta naturalidade das desventuras, seu imenso mentiroso. Bêbado como Fernando Pessoa ou o meu próprio Edgard. Bebe, projeto de louco. Mais um anônimo suicida com ego desmensurado.

- Então vai me dar aula de Durkheim, dizendo que meu suicídio é egoísta, que sou desmensurado por não ter freios por falta de crença, de alicerce? Não! Eu sou um altruísta e um medroso. Não sei se vou por não ter mais nada de útil a fazer, um velho que pesa para a sociedade, que não quer me dar comida e sexo. E medroso porque não conquisto: tenho a paz infantil do ser débil.

Ruído da sirene de um carro de polícia. É madrugada. Recolho mais um par de meias e imagino a casa de madeira no meio do mato. É aqui, casebre de cento e cinquenta reais por mês, aqui onde compro na fonte pão integral, mel, milho, geléia, manteiga, queijo branco, alface, tomate, cenoura e carne de matadouro de fundo de quintal. É aqui, onde faço uma puxada para a luz elétrica, a água desce da montanha e o gás é de botijão. Aqui onde não preciso de ar-condicionado, de carro e de vários sapatos. Aqui onde sou invadido pelo cheiro das flores é que começo novo lar.

B.

Aparece o belo. Iluminado. Depois
Vai embora com seu sorriso que acalma.

Eu sinto falta. Não do corpo que não me atraí.
É do sorriso que acalma. Vejo-o quase todos
Os dias. Ele bebe muito e o sorriso fica afiado. Os
Mitos da floresta lhe acenam. Mas ele é apolíneo.
Mesmo tomado pela bebida, mesmo aparecendo o
Sorriso afiado, mesmo insuflado pelo pequeno deus
Jovem da mata, não se larga completo a Dionísio –
Provavelmente na cama com sua namorada – assunto
Que ele não dá detalhes. Conta pequenas vantagens com
Parcimônia. Mantendo a elegância do rapaz de bem.
A inteligência da forma de quem é belo, já que
Regido por Apolo.

O corvo parece sem respiração, um pai autoritário afrontado pelo adolescente:

- Decadentista! Você quer tudo fácil, não participou de momentos fatídicos!

Agora só consigo rir da aparição, enrolando um casaco que vai para dentro da mala.

- Faz a mala, falastrão, abandona seus alunos e o Baixo Gávea. Vá viver a vida tímida da montanha. Ninguém espera algo de você. O que não teve mulher ou filhos. O que não vive de emprego. O que se agarra nas letras por ser lerdo.

O corvo vai desaparecendo. O negro da madrugada já não tem forma. Eu sento e choro um pouco. Já não choro como num ataque de depressão. Não, pois encontrei a solução. Viver de cachos de banana, de laranja da serra, de cumprimentos formais aos moradores do local. Se me encontro num momento piegas é porque tenho saudade do pássaro da madrugada, do diálogo com o corvo, do tumulto que traz pena para todo lado.

Encontro-me como Cristo no deserto. As provações da solidão e da falta. A serpente aparece. Ela é quem toma o lugar do corvo. Não tem um contorno definido, apenas sinto sua presença e suas curvas sinuosas. A serpente é um movimento de ar que toma forma no escuro. Acendo a luz e ela desaparece. Apago e ela quer conversar... Como falar com um ser que não tem forma, que apenas, esguia, provoca confusão e medo? Então por que ficar no escuro e não acender todas as luzes, continuar a arrumar a mala do caminho da serra?

Dou adeus as necessidades da noite da cidade grande. A minha madrugada se encaixando como pedras portuguesas de calçadas. Gotas, plim!, e não vem sono. Já pensei que fosse loucura. Tomo outro comprimido para dormir. Virá sono. Apago a luz e tento não prestar atenção ao movimento da serpente. Ela vem se arrastando pelo canto da cama. Paulo dorme do lado e nada modifica a sua respiração. A serpente se enrola na minha perna. Não ousa toca-la. A serpente se aninha sobre o meu diafragma. Decido desistir de lutar contra o bicho sem corpo. A serpente encontra, enrolada, um espaço na boca do estômago, na parte interna, dentro de mim. Está aninhada e parece que não quer se movimentar. A serpente vai se dissolvendo, entrando pela minha corrente sanguínea. Ela não quer me provocar. Então o que é que me atíça? Se encontrei a resposta mais simples para o desejo de ir para sempre, de não me preocupar com as contas, com a velhice... Qual a razão da imobilidade?

E tem dias que tudo é diferente. Os refletores, que é trabalho, compensam a má remuneração. O que me importa se vou cair na miséria. Que esteja escrito na minha palma, pouco me importa, pois hoje é dia que cantei, como um pássaro no cio, eu uivei como um lobo eu pari como uma mãe de santo. Recebi. E os amigos estavam juntos, a sala de aula estava ou ficou junta, os playboys, as louras falsas, as gostosas, os machões, todos em comunhão

cantavam. Só faltou um policial cantar. Um dos que é pago para reprimir. Ele provavelmente sem farda também cantaria, como numa revolução triunfante, como quando se é avô pela primeira vez. Que a multidão de animais da noite apareça agora que extasiado apenas propalarei: - Eu cantei!, como um enamorado, como Callas no auge, como a cor do mediterrâneo, como um lago, no Encantado, e em outras regiões. Eu vi moleques querendo aprender poesia, vi no terreiro o santo baixar num filho de francês. E logo de primeira! Vi novamente a padaria se abrindo, a feira iniciando. Eu virei a noite e nem me lembro da depressão do sol nascendo. Tinha me esquecido da culpa. Eu virei como na adolescência. Sem droga alguma. Era só a honra de quem havia cantado. De quem havia dito e ouvido beleza. Pode ser tão simples? E quando amanhã eu retornar ao lenga lenga da minha vida pinga pinga, eu não me esqueço: - Eu cantei! E muita gente comigo!

E o final da noite é dos incorrigíveis, dos ávidos por prazer fácil, dos que levam banho, dos que ganham barato. O final da noite, 5:30 da madrugada, quando se é velho, é para os sem-vergonhas ou para quem está de férias, para quem não tem de contabilizar o lucro ou prejuízo. Eu querendo voltar ao meus tempos de me dar bem, pelo menos estou sempre cercado de bons amigos, mas a questão é por que não sossego meu facho, a rolinha, o periquito, a perereca, o avião. Pensei que eu era um intelectual e cada vez me aparece a figura do junck, dizendo que não tenho jeito, que o meu coração é falar poesia como uma cigarra idosa e depois me guardar com um pulover, para que uma brisa mais forte não traga complicações para a garganta. O tempo velho das gangues me deixou para trás, ridículo, com mais de 40, ainda dando explicações ao invés de me asilar na Casa dos Artistas, se é que algum ex-consagrado aceitará o que me resta de caco. Barão e Baronesa em desgraça.... Já expliquei, vale repetir, sempre fui anti-aristocrata e pobretão. Era só fuligem e eu não sabia. E por isto eu canto ao Senhor, bendito sejas em

Vosso nome, eu que ainda aspiro por provocar encanto. Ah, meus alunos de Sociologia, não desconfiais que eu, mestre, canto com a voz alquebrada. Que só não estou morando na lapa ou de favor em alguma casa, pois os caminhos têm ramificações de outra ordem de ponderação. Até agora a providência não me faltou... Olho o outro lado. Mudança de eixo. Nova aclimatação. Vejo o vigor do planeta e me sinto cabisbaixo: será que a minha linha tem falta de trama? Qual a lamúria? Sobre a pesca de lambari na chácara do tio? O que usa calças curtas e festeja poemas beat? O que é repetitivo pois diz com sinceridade eu te amo?

E a manhã clara, com back na cara, eu não estou de cara, tão cedo!, e o azul faz com que me sinta um aposentado na Califórnia, um bem sucedido ex-vendedor de máquinas elétricas de grande porte, e ainda fazendo um negócio já que nunca se perde a forma completamente, não é meu rapaz?, assim louvo as liberdades norte-americanas, da poesia livre, da prosa poética e até mesmo do computador pessoal, já que estou de bom humor, acordei e são 10:30 e já dei uns 5 telefonemas, marquei almoço, vou numa exposição de quadros, comprar 2 livros, na livraria, dar um passeio a pé, tentando substituir a malhação, vou ver um show de rock de uns amigos e a noite terminará eu me encontrando com o Paulo, e vai estar tudo ótimo, se não acontecer o mais temível, a tenebrosa!, a madrugada, e eu me prometi que acordaria cedo hoje para ter sono de noite e não ter de conversar com o capote preto das 4 da manhã, mas sempre dá temor, pois ainda não me conformei que Jesus me deu a oportunidade - sem gastar nada afirmo que é só de vez em quando, já que mais perto do que da aposentadoria segura, estou é rodeado pelo charco e os bichos do pântano - de poder me sentir como um aposentado na califórnia, um ex-vendedor de máquinas pesadas, com 64, pele queimada, com haveres no banco e com medo da madrugada. Já que milhões de aposentados mantêm medo da noite e do dia, dos possíveis revezes da economia nacional que fará

com que a poupança de toda a vida se transforme em pó da noite para o dia, da noite para o dia e a madrugada é o que separa, ou o que intermedia, a noite e o dia : - E por que o governo central não me dá garantia que meu dinheiro não vai virar pó?, meus investimentos são de baixo risco, meu manager garantiu, mas teve um amigo menos previdente que viu sua carteira de investimentos virar cinza, num banco de risco c, é verdade, hoje não vou jogar tênis na quadra do condomínio, só faltam 16 parcelas para pagar o apartamento, e eu não aceito ficar sem fazer nada, vou dar uns telefonemas, rever a lista de ex-clientes, não dá para parar de trabalhar completamente, a gente fica enferrujado, nunca se sabe sobre o próximo dia e afinal quero ter uma noite de sono tranqüila.

Escrever uma nova poesia é como abrir o peito
Hoje nadei 2.000 metros

Então se festeja o tempo. Com todos os ingredientes de uma festa bem preparada. Os quitutes: o bonitão, socialista europeu, moderninho, namorado da minha mãe, falava fácil: - Não se pode ser socialista sem amar. - logo para mim, tão recluso às minhas paixões... - Ele estava certo, e acrescento, quando volto de uma festa de capixabas, essa cultura entre o Rio e a Bahia, cheia de

pratos de comida de mangue e de mar, de gente cheirosa dadivosa, gente que sabe amar, e acrescento, a conversa foi gostosa, tinha gente inteligente, as mulheres eram maioria, estavam comandando sem imposição alguma - basta, só vou ficar me repetindo se não dividir o segredo que descobri que serve para acrescentar ao ritual para a transformação libertária do planeta! A resposta é que além de amor carnal não pode faltar quitutes... Agora me lembro que o Vinicius de Moraes já falava das comidinhas do depois. Eu vou de empadinhas, bobó de camarão, casquinha de siri, sei lá quantos nomes de quitutes, já tendo minha gula se fartado, já imaginando o entupimento das coronárias, já que provavelmente seria reprovado num teste de suficiência socialista, pois, além da timidez para o amor, me falta a capacidade de preparar quitutes, que é diferente do banquete, da comida servida à francesa, do jantar no restaurante da moda ou do gosto. Os quitutes das duas donas da casa, capixabas contagiantes, honrosas continuadoras da saga de Rubem Braga, são de um responsabilidade explosiva. É de uma integridade, caridade, gratidão, amor, solidariedade, chega a ter sinais de compaixão. Estes quitutes de hoje me abriram a certeza que a sociedade socialista do futuro passa pelas mãos, pela prova da boca, pelo arrumar da cozinha, pela naturalidade do oferecimento de festas de abertura de apartamentos, como o das duas, que só poderá trazer boa fortuna para quem lá costuma arrastar o chão.

Como a gente se debate para morrer. Para trocar de vida
Sair do abrigo. Aonde está minha família? Estou refreado
Só saio de casa a pé ou de carro à noite
Passeio num raio de 3 quilômetros, o resto é fadiga
O passado vai se apagando. Vendi uma boa parte dos meus livros
E discos

Bom, é claro, saber que um brother está bem. Que a vida abençoa a vários
Porém vai tudo perdendo a nitidez. O apagar da memória é morte
A falta de desejo de conhecer o novo: - Henrique Cunha, venha já aqui
A diretora quer falar com você!
Sentado no quarto e sala, ainda, como amo cada pedaço daqui
Não consigo morrer tão fácil. Não consigo esquecer. E sem isso, fica mais
difícil renascer.

Mais uma vez vi a morte de perto. Parece se tornar um hábito para mim. Não
só para mim; para os tios primos sobrinhos e os mesmos amigos chegados que
de tempo em tempo se juntam na capela do cemitério. As conversas são
coloquiais. Quase todos estão acostumados com a morte. Não é uma perda
terrível. Não há assombro de céu ou inferno. Existe uma informalidade
aliviante: desconfio.

Hoje protestei. Não segui o cortejo. Não há dor em cada coração. No meu
existe aflição. Mais um se suicidou. A morte machuca. Eu quero é me afastar
dela. Não vou ver o buraco do túmulo se não houver comunhão.

Hoje perdi um amigo: ele tem 17 e eu mais de 40. Ele não morreu, foi um telefonema educado, porém muito duro, de seus pais, dizendo que eu o levava para o mal caminho. Que era melhor não vê-lo mais. Estou triste porque apesar de levá-lo para o mal caminho ele me levar para o mal caminho, o sentimento de gostar e de perder não é decidido racionalmente. Não que o processo de Oscar Wilde tenha me dado tendência. Que me levem à Corte. Estou mesmo perto da morte. Quem quiser que apresse a minha. O desejo pode ser destrutivo. O amor também. Como amei gente que me fez mal: a começar pela minha mãe e pai. Meu sentimento hoje é de luto, de perder, de não poder mais ter a liberdade de andar por aí com meu amigo, como dois velhos e queridos vagabundos. Que eu morra, então, um pouco mais por este momento; mas que meu amigo viceje.

E tem dias das borboletas, mesmo quando aparece só uma, azul, das grandes, e quando o sol a ilumina, manchas pretas aparecem, ou então, a outra, a amarela vibrante! as borboletas, com vida tão frágeis, trazem alegria para o mundo. Assim espero que os Zarvoletas também; pululem, algumas vezes até em ritmo de orgia. Os Zarvoletas, bichos estranhos, também amam! acho que como coelhos, esquilos e esses outros roedores indisciplinadamente propagadores da espécie. Mas por favor, não matem todos os Zarvoletas, pois tem até gente Zarvoleta, provavelmente todos os Zarvoletas ou são gente ou um simulacro humano - espero que mantendo algumas das qualidades que o homem deve observar nos animais. Como na borboleta abrilhantando, como no esquilo procriando. Como numa mulher e num homem dando a luz.

A memória chega com cartas e livros. Abanca-se. E a noção de tempo é desfeita. Como uma dança, a dois, dos anos 40. Uma tarde cinza no Rio pode estar sendo tantas décadas, memória atemporal!, muito mais do que aquele dia, sempre, é certeza!, e as mágoas permanentes e a preguiça e os vícios, a melhor desculpa que me aparece, - me dá licença um momento, posso dançar um pouco mais? - é o traço luzitano; que nem sei se tenho, pelo menos assim posso culpar alguém: o traço italiano, o mediterrâneo e sua cor, a África, os silvícolas... tudo é desculpa, para a minha despedida, para minha retirada final, como um galã na última novela, o Tarcisio e a Glória, o primeiro bailarino, como um almoço a ser servido... pois participei de tudo, de tudo participei, vi surubas regadas a garçons servindo cerveja numa sauna swinger. Casais com enfadonho, ou com fantasias exacerbadas - para os mais puritanos deixo a afirmação que participei como voyeur - que a maioria das surubas são insuficientemente eróticas. É que a intimidade de dois, o mais alto grau que Deus presenteou, vira desespero e espetáculo, para quem não consegue, ou no momento não pode, emitir a pulsão de par. O anel. Não espero estar estragando a fantasia de que vários são muitos, contrapondo que dois são um. Ora para que falo se é tão sabido?! - Você, e suas luvas antigas, bem apresentadas. E percorri surubas ainda mais aviltantes. Vi o cavalheiro chupando o garçon e exclamando: pica e uísque, mistura perfeita. O cavalheiro tinha as narinas com restos brancos de pó. Porém tudo não passava de dar uma graça ao tempo. Um dia, sim, muitos terão realmente mais. E um ao outro. Pois passei horas seguindo o senhor culto numa rua de livrarias. Ele mirava os livros com uma compulsão quase inaguentável. Ter o seu livro, para ser manuseado da forma que porvier. Com os anos, apesar dos olhos ávidos ainda desejarem, já não tinham o faro da década anterior. Ou era eu que já não lhe enxergava tão bem. O tempo foi implacável com ambos; não é querido professor? Como senti a sua aposentadoria compulsória. Mas por

outro lado, você garboso, não lhe fica mal a idade... Eu fico olhando para essa mala e já vai dando o desejo de ir retirando cada roupa e ir guardando no armário novamente. Pensar um pouco mais sobre morte, falência, floresta. É madrugada e se eu não relaxar vou contar tempo. Ampulheta filha de uma puta!

- Não, nem xingue o céu, nem a terra. Por que invocar a fúria contra alma já tão atormentada?

- Mas quem é você, se só tenho por companhia livros, o Paulo dormindo, e a madrugada que promete ser longa?

- Se você se porta como um Fausto, eu apareço como sua Margarida. Se você carrega todas as ambigüidades, desejando levar de tudo no roldão, que é o prazer, eu apareço como sua Margarida. Como quem lava numa jarra de água morna sua testa chegada da rua. Como a que tira a poeira dos livros por muito tempo descuidados. Como a que deita ao seu lado e não pede nada. Ou a que não pede na hora errada. Me chame, Margarida.

- E por que eu mereço sua companhia?

- Eu te vi tão só! Me dói os deserdados. Os que aspiravam com justiça. Os que são esfolados pela fatalidade. Você é de dar pena. Eu sou sua absolvição.

- Margarida não venha com gozação e esses trocadilhos de eletrola!... Melhor, espere aí, me desculpe. Não vá embora!

- Está vendo como necessita de alguém que lhe amplie a auto-estima? Eu tenho o sorriso doce, o corpo pouco explorado, a curiosidade e um saber sólido. Eu não tenho vergonha. Assim me exponho. Grite qualquer mito e eu apareço. Por nada, Guilherme, eu me ofereço.

(Cena do poeta ainda mais envelhecido) - Mesmo nos meus 55 anos, ainda tão pobre! Eu tenho necessidades. Me cansa o mesmo descaso com a minha fala. Então eu tenho sucesso na última revista e a minha amiga que não vejo faz uma penca me diz que eu cheguei lá. Na revista? Lá aonde? Poeta sem eira nem beira, um descuidado asteróide. Sempre aparecendo na última revista e sem camisa passada, tendo que tomar cuidado para não ficar resfriado por causa do custo do xarope.

- Calma poeta eu lhe encanto por essa noite. Um sonho de ópio. Faço aparecer figuras de circo. Só peço que não se abandone à amargura.

- E se eu for encontrado em estado putrefato, o cadáver já cheirando há dias, tendo os vizinhos abelhudos cercando meu corpo e telefonando para meus familiares. Tudo terá valido a pena se eu morrer e no dia seguinte houver um enorme cerco de amigos, mesmo que um deles, um dos mais íntimos, recém chegado de uma festa do jet-set italiano, me olhe consternado, com amor,

concordando com o outro dizendo *como ele era brilhante aos 20 anos*. Ambos sem entender a minha morte prematura, ávidos em envelhecer com dignidade e de esperar até o último minuto por mais um gozo proporcionado pelo planeta terra. É, o que mais posso aspirar se não cumpro a minha sina? A que estava escancarada nos meus olhos brilhantes dos 20 anos. Como eu poderia enxergar a força dos olhos de tantos, endurecidos, e não perder a pureza? Tentei apenas ser uma pessoa honesta, para mim talvez a palavra se assemelhe a razoável. Não tive como vencer o fracasso material, não pude criar um filho.... Espere aí, não vai tão cedo, não tenho timidez de revelar. Estou com medo da noite. Não tenho a placidez de quem se acalma com a leitura de um romance.

(Cena retorna para o poeta aos 40 e tantos). - Fique tranqüilo. Estou por aqui para olhar por você. Que possa descansar um pouco. Que a estética não lhe oprima tanto que você corra para os prazeres, qual para de baixo da cama num dia de briga de pais. Não vai haver separação. Eu lhe garanto que o final trágico que você está se apegando é mais uma fase poética. Você irá viver até depois dos 50 e muitos, Guilherme, mesmo que os 50 e tal seja tomorrow. Tomorrow eu falo com você!

(fecha a cena. O poeta adormece sentado com o rosto sobre a mesa. Cena típica para o teatro do teatro que o poeta se deixa envolver. Acorda pouco tempo depois, mais lúcido, sem enxergar Margarida. O poeta está só na noite).

Então o que me faz delirar e duvidar do meu trabalho? Eu saio nas ruas e volto para casa com mais incertezas. Quando vou parar de procurar? A cada dia encontro meus pares nos mesmos dilemas... só alguns afortunados nesse mundo! - me parecem assim, já que de perto têm o sorriso de quem alcançou suas ambições. E eu nessa mesa, com caneta, com computador, com a noite coçando como um revolver na nuca. Não vou parar nunca, como Silabata envolvendo em histórias o sultão. Sou escravo das histórias. Fico dias, meses, refazendo a trama, tentando entender porque um conhecido age de sua maneira. Como chegou naquele ponto e as possíveis conseqüências dos atos. Cada um agüentando suas cargas e suas paixões. O escancaramento de uma festa adolescente. Sempre o mesmo caminho, a delícia de rever, de percorrer novamente. Não escrevo sem culpa, porém delato-me com a inocência possível de algum desses tantos Genet. É a necessidade de reverenciar os pequenos excessos, do porre, do ácido, das cantorias nos fim de festas

universitárias. Quem mais pode ter razão se não os que estão experimentando agora. Que se exploda, pelo menos no momento, a certeza dos que, de fora das cabeças, já misturam a quantidade de fios brancos e pretos. Retorno com amor às festas da juventude, tentando guardar as informações que saem aos borbotões, sem aspirar pela eterna jovialidade:

Para lá dos 70

Envelhecendo com dignidade, convivendo com as Doenças, seja a diabetes, que deixa minhas pernas Negras, o coração de mudanças de ritmo e de humor, O pulmão com água. Envelhecendo e esperando a Morte. Sem revolta. Comendo de tudo. Tudo é Proibido. Sonhando com viagens que não posso Executar. O médico manda exames, às vezes os Faço, às vezes nem envio de volta: ficam no armário Canetas, relógios, fotos da família, contas já pagas e Várias pílulas, todas as cores, chego a tomar 17 ou Mais por dia. Se estou com raiva não olho a Prescrição. Esqueço. O que mais pode me acontecer Morrer? Já nem sei o que é isto. Estou tão próximo Da morte que ela já nem existe. Estou dentro do Enlace da morte. Eu quero é que se foda. Desculpem -me. Envelheço com dignidade.

Ernesto e Lúcia formam um belo casal
A Isabela é linda

Então é assim. O retornar à casa após dar de cara com os dependentes químicos: de álcool, de cocaína e principalmente de amor. A tal química rarefeita em tempo de constante aparição pública: semana passada voltei a beber. Dias depois ainda sinto o cheiro da cerveja embrulhando no estômago. É verdade. Ando fraco para a bebida. Tinha me esquecido que não era vedado beber. Era um compromisso entre meu medo da demência e o psiquiatra: a valsa sôfrega do final da noite... Mas se Irê domina? Criança que apronta e leva, como num bonde do bicho, muita gente para a desgraça. Como conviver Irê e a maturidade? Com os festejos báquicos e a aceitação da hora que ainda é justa medida. Hoje revi amigos, voltar a beber é circular ainda com mais intensidade, revi caras amadas as quais já não podia mais me afeiçoar sob uma capa de Robespierre. Sou de uma planta que não agüenta o agreste e daí a ânsia de partir. Já tomei meu remédio de dormir e espero que a cama não rode. Adolescente bobo. Por enquanto tudo está com cores belas. Sem excessos. Parece que poderei manter a nitidez em Dionísio. Uma espécie do terceiro menos falado da Santíssima Trindade: o Espírito Santo. Estou velho, gordo e a qualquer hora um ataque de coração me levará do planeta. Pelo menos disfaçarei meu suicídio.

Dorme menino bobo. Que vou lhe proteger
Sou herdeiro dos pastores, aprendi com a noite a
não temer as interpéries do tempo. Sou como os
antigos, já nomâdes, que olhavam os bárbaros avançando já
tomados pela cerveja e daí os serviam e após os seivavam.
Durma sonhando com os barulhos da noite no campo.
Tudo é passageiro. Que sobre um canto.

Em qualquer situação morrer é bom. Um tiro, perto do coração, às 5:30 da madrugada, num verão, com o dia nascendo, eu relembro a primeira

virada da noite, para pegar surf, e mijando num caixote na N. S. de Copacabana, ofendendo o moral de um psicopata, na certa um policial ou um bandido, desarvorado, mirando, de dentro do ônibus, vai saltar daqui uns quinhentos metros e nunca será reconhecido, tem a cumplicidade dos passageiros, ou será somente temor?, o meu coração porque o dele faliu. Assim acabei. Ou então um cancer no saco e o resto da minha vida por um fio, se esvaindo. Estou calmo em frente da inevitabilidade da doença terminal. Só quero um pouco de tempo para ficar em paz. As agitações são fúteis: - me passe, por favor o livro de História das Artes que o Roberto me mandou essa manhã... Morrer é bom de qualquer maneira. Assim como renascer é talvez melhor. Reaparecer ao retirar a máscara após uma apresentação de sucesso de público e de crítica. Oito meses em cartaz. Naturalmente perdi a conta de quantas vezes morri e revivi. Eu saio do camarim, quase sempre tem alguém da platéia que quer dar um abraço. Depois a saída pelo shopping até pegar o carro na garagem é um pouco constrangedora. Não gosto de dar autógrafos. Quem quiser me ver que vá ao teatro. Quando se está aparecendo todas as semanas na televisão é esse assédio. Nas cidades do interior me acuam. Fico seis meses sem fazer televisão e quase ninguém mais me nota. Passo a andar sem ansiedade. A paranóia quase vai embora. Mas hoje foi legal. O público foi muito participativo. É, é legal ser ator. Quando foi que tomei a decisão? Tantos anos!...(é uma das profissões em que mais se tem de renascer. Alguns dizem que é na política. Outros que na especulação financeira. Para uma parte é na pior hora do seu dia: quando acorda. Para mim é quando consigo escrever uma poesia. Fico todo gabola). Morrer é bom pois não são necessárias as opções. Renascer é a compensação pelo esforço. Tudo deve ser repetido. Olhar o mar às 5:30, no verão. Quase não tem onda. O cinza da mistura do que não é dia e já não é noite refletindo no mar calmo parece com um azul cobalto. Vou voltando para a N.S. de Copacabana, andando a pé, ainda vou passar no bar, me deu uma vontade de mijar. Não é legal mijar na rua, acho melhor mijar dentro desse caixote. Vai que cisma um maluco de se ofender. Tudo bem a rua está vazia. Só o ônibus vem chegando

Essa raiva que me impulsiona a viver desejando a morte - os olhos de Maiakóvski tinham a garra e a certeza de um

pulso à morte. A elegância de Maiakóvski que se matou manchando com apenas um círculo de sangue, em torno do coração de pura pulsão, sua camisa branca e folgada. Viver sem indagações estéticas é impossível. O belo e o feio oprimindo. O desejo. As impossibilidades. Grita o infantil: - Odeio a beleza. Odeio reverenciar. Odeio me tornar escravo. Odeio não conseguir deixar transbordar a pulsão da plenitude. Estou farto. Porém ainda não é a ` hora da flor do peito - a última mancha vermelha produzida por uma bala delicada.

Em cada casa ou apartamento têm objetos elétricos. As tomadas e a Fiação não são regularmente inspecionadas e nem por isto há Milhares de incêndios. As pessoas convivem aos bilhões, vendo a Televisão que inunda de brutalidade, suas cenas de massacre. MUITOS MILHÕES TÊM MORRIDO NAS GUERRAS, DE FOME, DE FALTA DE ATENDIMENTO HOSPITALAR, pois mesmo assim é Espantoso que bilhões de pessoas convivam, sendo o humano tão Complexo, tão cheio de ardis, processo de desejos. O que refreia os Impulsos, o que preserva o que a sociologia chama de teia social? O Que faz com o que perdeu tudo reconstrua sua vida? (Será que ainda Falo do Espírito Santo?)

Num pôr de sol lindo como poucos que já vi dentre as centena ou Quem sabe milhares, fico pensando quantos pores de sol eu gostaria De assistir antes de morrer. Sem forças para procurar um destino que Me traga paz, sem energia para fazer alguma coisa a mais pelo Meu semelhante, resto apodrecendo, esperando não beber essa noite Para não ter ressaca amanhã. Só isto. Sonho muito mais que valho.

Morte aos sátiros pançudos!

Ao ter a Humildade de saber que não é nada (os Humildes têm razão). Que a beleza está em você: mas tanto mais no outro. Então cada um se desnuda: - Eu sou a Nossa Senhora - se levanta uma enquanto um outro diz: - Eu sou o Santo Pontífice - enquanto um outro vocifera: - Eu sou um santo - enquanto um outro enxerga: - Eu sou um fraco - enquanto um outro se apieda: - Eu sou um crente. É o momento em que o Espírito Santo baixa em nossas almas, para além do bem e do mal, para além das posses e do sexo, para além das alegrias e das drogas. É a Comunhão em Deus. Para isto vale a pena morrer e renascer.

É morrer retornar ao trabalho de cinco dias e quarenta horas semanais, somando, no mínimo, mais trinta de ônibus, chegando ao final do mês com o salário justo para poupar para a compra de um novo computador. Morrer na meia idade tendo perdido o rumo, sem acreditar que possa, através do trabalho remunerado, fazer alguma coisa de útil para a sociedade sem que isto não leve à decreptude. Tantos estão morrendo a toda a hora, sem qualquer glória, que eu seria apenas um mais... a classe média explodiu, as mães separadas, neuróticas, agarradas nos rebentos que fracassam, vão se impondo sacrifícios, os mais terríveis, para que tudo não acabe em escândalo. Os pais, machos-Herodes, vão ceifando os filhos, exigindo sempre uma nova promoção em qualquer departamento, nesse mundo nojento de fim de semana com aperitivo nos clubes ou na frente das televisões. Provavelmente sem coragem vou morrer como um filhote burguês, transpassado pela vara do pai castrador, isto eu com faculdade e curso de inglês, com amigos em boa posição social. Seria oportuno imaginar a vida dos 95% em piores condições. Cada um morrendo sua vida medíocre de encontro de confraternização com os colegas de trabalho e suas esposas num restaurante japonês. Vejo o humano inventando novos gastos compulsivos de acesso a informação e na essência o mesmo sulcado pela vida de excesso de trabalho e de falta de tesão. Nada vale a pena na sociedade industrial do final de século no Brasil. Apenas ser medíocre e se possível feliz: contando com a boa fortuna do pensamento curto.

Estou faiscando de infelicidade. Minha vida chegou ao fim. Um morreu Hoje. Não era meu amigo. Lembro: a morte de um conhecido faz Lembrar a morte. Hoje vai um pedaço de mim. Não pela morte do Barbeiro, seu Rodrigo, que foi da FEB, na 2a Guerra. Cortou cabelo Até o último dia de sua vida de mais de 70 anos:

- Muito bem conservado, parecia menos, não é?!

Sempre me preocupei com a situação financeira da família do seu Rodrigo. Imaginava que ele aparentava, por detrás de sua calma nos Gestos do corte de cabelo, que ele era um homem angustiado. Agora Que sei que ele foi pracinha fico mais aliviado pois sua mulher está Protegida. A minha casa está uma bagunça. Minha vida está como um

Papel amarrotado. Deve ser por causa da maconha. Só pode ser. Ajudada pelos calmantes. Ora vamos com estas ninharias! Ontem Destampeí o cano de gás e o pus na boca: brincadeirinha mórbida! eu

Não vou morrer assim tão desrespeitosamente. Vai ser de infarto, Como seu Rodrigo. Nós os calmos aparentes somos suceptíveis à Morte súbita.

Ela já devia estar dando trabalho demais: meus vizinhos debaixo moram num quarto e sala como eu. Conheço o apartamento com um mínimo de intimidade pois nessas quase duas dezenas de anos que moro aqui, nos últimos anos, quatro talvez, houve duas infiltrações e a vizinha veio pedir providências. Entrei constrangido no apartamento já que antes da infiltração só os cumprimentava por formalidade. Foi muito constrangedor ter de entrar no quarto e sala e de certa forma comparar com o meu. Eu não sou enxerido, não gosto do excesso de de intimidade e francamente me constrange saber que uma família inteira divide um quarto e sala. Fico pensando onde cada um dorme e me lembro das fotos das revistas das casas de gente muito pobre, o amontoado de camas junto à mesa de jantar de fórmica utilizadas nas cozinhas das famílias com mais dinheiro. Sei que o meu pensamento tem frescura, que milhões de pessoas moram assim e que o carinho da família é o que realmente importa. Estou com saudade da minha mãe...Acho mesmo é que a vizinha não devia ter insistido em me levar ao interior de sua casa onde sua filha estava sentada junto com seu marido na sala. Viam televisão. Ela, ele e a filha são muito calmos e muito magros. São parecidos. Por serem muito magros causam uma certa aflição. Eles são gentis e calados. O marido é muito tímido e nas duas ocasiões em que houve problema deu para notar que preferia que a mulher viesse fazer a reclamação. Não por medo de alguma reação da minha parte, sou pacato como ele, por puro constrangimento. Provavelmente ele também deteste ter de entrar num apartamento de um praticamente desconhecido.

Dois meses atrás a mãe de Sarita, a vizinha, veio viver com a família. 99 anos. A velhinha, muito irrequieta, queria sair para a rua, descia sozinha as escadas do prédio, se perdia nos corredores. Os porteiros faziam companhia para a velhinha quando deixando o tempo passar ficava sentada por horas no banco, com encosto, que tem no térreo ajardinado do meu prédio.

O que posso dizer mais, a não ser que achava linda a velha de cabelos cor de açúcar, com 99 anos, rija, parecendo que poderia durar mais, com seu olhar cheio de altivez e sabedoria. De certo sempre morou numa casa com jardim e deve ter chegado a conclusão que era melhor morrer. Que o espaço do sala e quarto dividido com a família a angustiava. Ela era e morreu como um passarinho, somada à força da decisão de um índio quando decide que é a hora

de se encontrar para sempre com o divino. Deus!, dê um último abraço, eu não tive a oportunidade, na mãe da dona Sarita. Aí poderei dormir mais tranqüilo. Hoje é uma manhã gostosa de domingo. Mas ainda é muito cedo.

O bater mais leve do meu coração aquieta
Estou sendo ajudado por um remédio para o coração
Funciona como um calmante. A noite quando é
Mais desesperador o real, vem sono, com o batimento
Contínuo, como o de uma criança sem pesadelo
(?) Isto são suposições que concluem que a
Hora mais relaxante da vida é quando o coração
Bate tão leve que já nem bate?

Então é isso aí. Tomo uma coca-cola. Morrer pode ser necessário. O fim é melhor do que o impasse prolongado. O recomeçar é o parto. Sem chorar lágrimas. Tenho as derrubado faz um bocado. Abrir a mão. Se conceder generosidade. O grande organizador desse mundo tem variação de humor. Vou partir com dignidade. Renascendo como der. Provavelmente não vou conseguir deixar de escrever. Morrer para mim é encarar o que é certo. Não aspirar descontentamento. Prato feito... Só desejaria um pouco mais de enroscamento. Ando assim tão sózinho. Sou ávido dos olhares. Morrer é te perder. Anda! Só mais uma enroscadinha. Piões de pavões. De todas as cores saindo por dentro das penas pretas. É o que anseio. Variações de formas. Te peguei. São teus olhos a me seguir!

Falido, entretanto, agora é hora do desaparecer. Balada patética. Não haverá fruticas entre os comensais. A casa será deixada sem causar muitos transtornos. O que pode trazer mais trabalho e indesejo são os documentos pessoais e os livros. É o legado:

-Que deixem o resto ao lixo e vendam o que puder! - gritou o velho com barba por fazer.

Será que era verdade? O velho falava a verdade?

Em cada dia me despeço um pouco e vou com dor no peito que me engasga.

